

## “CRÔNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA”

ANA MÉRCIA VIEIRA FERNANDES – Auditora Fiscal do Trabalho –  
Coordenadora do Projeto de Análises de Acidentes da SRTE/PB

Aproveitamos o título do romance do escritor colombiano Gabriel Garcia Marquez, para falar dos constantes acidentes do trabalho na construção civil, que chegaram recentemente ao nosso conhecimento e que vêm sendo anunciados com frequência nos órgãos da imprensa.

E é dos mais altos, belos e suntuosos edifícios que estão sendo construídos e, até mesmo de simples edificações e de tantos outros tipos de obras, que se anuncia que mais um operário caiu, foi eletrocutado ou sequelado por uma máquina. Mais um brasileiro que, saindo de casa para a labuta do dia-a-dia, não voltou ou que vai voltar incapacitado, sofrido pelas dores, pelo tratamento que se estende, para um novo tempo de dedicação e dependências e cuidados de familiares, em especial, no silêncio de suas casas.

Mais um a fazer parte dos inúmeros benefícios pagos pela Previdência Social, quando estão com o contrato de trabalho regularizado ou mais um indigente a depender da caridade das pessoas, se tiver a sorte de recebê-la.

É a força de trabalho que não mais será computada nas estatísticas dos ativos. Foi vítima da dureza do trabalho, que nem sempre engrandece, dignifica; foi vítima de acidente.

Ao analisar os acidentes do trabalho que ocorreram na cidade de Campina Grande, lembrados por serem mais recentes, fiquei a pensar na violência do que analisei, nas causas que levaram a tamanha calamidade.

É o corpo frágil de um homem que voa da 25ª laje para ser amparado apenas pela mãe terra. O corpo bate, ao cair, nas plataformas da obra, que, tantas vezes, parecem só enfeitar os prédios. Esse acidente me fez lembrar o trecho da música de Chico Buarque, Construção, que diz: *“E tropeçou no céu como se fosse um bêbado. E flutuou no ar como se fosse um pássaro. E se acabou no chão feito um pacote flácido.”*

E outro trabalhador que é atingido pela dureza da ferragem sem proteção que espera a próxima vítima e que penetra na sua cabeça como um punhal, traspassando seu crânio.

Impossível não dizer que isso é um terror. Mas o terror vem como algo sem controle e, às vezes abstrato, do medo. Mas essas realidades não. Elas vêm dos riscos existentes nos ambientes e nas condições de trabalho sem controle, vem do ritmo acelerado do desenvolvimento desordenado, vem do descaso com a vida, com a saúde e segurança da força de trabalho. É como uma morte que é anunciada todos os dias.

Estamos próximos de mais um dia em que dedicamos à memória das vítimas de acidentes do trabalho, dia 28 de abril. E é a estes que dedico o meu relato.

E é por eles também que devemos seguir em frente, pois o tempo urge e o trabalho na busca de mais prevenção, de ações pelo cumprimento da lei, de informações tão necessárias aos trabalhadores, de lutas por maiores cuidados com a sua saúde, sua integridade física e mental, precisa continuar, pois não podemos esperar, de braços cruzados, as próximas vítimas.

E sejam elas poucas ou muitas, são homens e mulheres e até crianças e adolescentes, que, mais do que nunca, precisam de mais atenção das autoridades, dos serviços públicos, das organizações empresariais, das suas representações e de uma grande mobilização social, para fazer valer o seu clamor e dar voz ao seu silêncio, por melhores condições e ambientes de trabalho, para que não cheguem a viver a dolorosa experiência do infortúnio que é o acidente do trabalho.